

NARRATIVAS EDUCATIVAS, LUGARES E MIGRAÇÕES: REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO "HUMANO - UMA VIAGEM PELA VIDA"

Karoline Amanda Araújo¹

Fábio Chang de Almeida²

Camilo Darsie³

1. Introdução

No presente texto, problematizamos questões relativas aos processos de educação, levando em conta a articulação dos conceitos de “lugar” - oriundo do campo da Geografia - e de “pedagogias culturais”, estabelecido na área dos Estudos Culturais em Educação.

Entendemos que a educação ocorre por meio de práticas discursivas, escolares e não-escolares, e, portanto, tomamos o cinema documental como uma das materialidades que podem ser tensionadas no sentido de promover reflexões sobre o tema. Isto se

¹ Graduada em Licenciatura em Geografia (UNISC). Professora na Rede Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: karolinearaujo@mx2.unisc.br.

² Doutor e Mestre em História (UFRGS). Especialista em História da Alimentação e Patrimônio Cultural (UNISC). Especialista em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação (UFRGS). Licenciado em Geografia (UFRGS) e História (ULBRA). Professor na Universidade La Salle e na Rede Municipal de Porto Alegre (PMPA). E-mail: fabioc.almeida@portoalegre.rs.gov.br

³ Doutor e Mestre em Educação (UFRGS/ULBRA). Pós-doutoramento em Saúde Coletiva (UFRGS). Licenciado em Geografia. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Santa Cruz do Sul. Endereço: Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação - PPGedu. Campus Universitário, Universitário CEP. 96815900 - Santa Cruz do Sul, RS - Brasil. Telefone: (51) 37177370. E-mail: camilodarsie@unisc.br

deve ao fato desta modalidade assumir o compromisso de retratar e popularizar realidades de forma não-ficcional, ou seja, comprometer-se com a Educação ao expor para seus expectadores determinadas existências a partir do olhar de quem as retrata. Consideramos, também, que aquilo que é dito e/ou mostrado em documentários relativos às vivências humanas revela elementos que fizeram parte dos processos de educação daqueles que aparecem na tela.

Nossa problematização é realizada a partir de narrativas de sujeitos migrantes, apresentadas no documentário "Humano: uma viagem pela vida". O filme é dirigido por Yann Arthus-Bertrand e foi lançado no ano de 2015, na França, chegando ao Brasil em 2016. Seu canal na plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube* soma mais de 64 mil inscritos (HUMANO, 2015). A partir do longa metragem, composto por mais de dois mil relatos de pessoas provenientes de sessenta países, foram elaboradas diversas versões, em diferentes formatos que totalizam mais de 6 milhões de visualizações.

A obra busca identificar elementos que constituem o ser humano, levando em consideração suas vivências. Deste modo, dispara importantes possibilidades de reflexão sobre as maneiras de ser e de estar no mundo, tendo em vista os lugares vividos pelas pessoas que participam do filme como narradores. Conforme a sinopse do filme, o diretor Yann Arthus-Bertrand buscou capturar relatos "profundamente pessoais e emocionais de tópicos que nos unem a todos; lutas contra a pobreza, guerra, homofobia e o futuro do nosso planeta, misturado com momentos de amor e felicidade" (HUMANO, 2015).

Conforme adiantado, nosso olhar privilegiou algumas das falas de sujeitos migrantes que aparecem no filme. Enquanto registro de recortes de vida desses sujeitos, a trama apresenta um emaranhado de experiências que envolvem movimentos migratórios e memórias espaciais repletas de sentimentos e afetos. Assim, opera no sentido de educar os telespectadores acerca de aspectos ligados a vidas em deslocamento, sentimentos de

pertencimento e não-pertencimento espacial e, por isso, sobre a importância do "lugar" na produção de vidas. Além disso, nos possibilita refletir acerca das maneiras pelas quais os narradores foram educados por meio dos lugares de onde partiram.

O conceito de lugar oportuniza possibilidades de análise importantes para a área da Educação, pois trata-se de um conceito geográfico operacional que avalia o espaço a partir dos sentimentos humanos em relação a parcelas espaciais e aos modos como eles interferem nas relações de produção e de interação de sujeitos.

Diante do exposto, por meio de uma abordagem pós-estruturalista, trabalhamos com alguns dos enunciados identificados nas narrativas que, conforme propomos, produzem, fortalecem e/ou replicam verdades acerca de ser/estar migrante em áreas distantes daquelas de origem. Antes, porém, descrevemos o percurso metodológico que seguimos e apresentamos elementos acerca do conceito de lugar e das migrações que também auxiliam a entender dinâmicas de educação.

2. Percurso metodológico

As reflexões que apresentamos se caracterizam por serem elaboradas a partir do viés pós-estruturalista, por meio do qual desconstruímos algumas balizas que impossibilitariam a articulação de conhecimentos provenientes de áreas distintas, como a Geografia e a Educação. De acordo com Aguilar e Gonçalves (2017), o pós-estruturalismo opera com a desconstrução de conceitos que são considerados verdades absolutas e centrais em diferentes disciplinas. Para Batista (2019), o que essa perspectiva de trabalho nos coloca é que, para além do processo de racionalização presente na Modernidade, é possível construir um movimento de problematização que não necessite tomar como base de sustento as "grandes verdades científicas" provenientes da moral e da noção de sujeito epistêmico.

Que não sejamos vítimas, conforme escreve Silveira (2002, p. 78), do "engodo do desnudamento da verdade, da identificação do

verdadeiro sentido que é dito”, e sim, em outra perspectiva, que façamos uma leitura atenta da mecânica discursiva que atravessa dados tipos de enunciados. Desse modo, a verdade vai sendo considerada como uma produção histórica, cujo deslindamento pode ser possível organizando suas regras de existência e formação, entendendo a que relações de poder ela foi sendo submetida nesse processo (MACHADO, 2006).

Destacamos, neste contexto, que ao considerar formas mais tradicionais de análise, os conceitos que validam os discursos destas diferentes disciplinas não são os mesmos e, quando são, configuram-se diferentemente, por meio de tensões ocorridas entre saberes, muitas vezes, contraditórios. Mesmo que sejam "escritos" de maneiras semelhantes, carregam consigo os atravessamentos das verdades que compõem as áreas do saber em que são empregados e às quais garantem sentidos específicos, tornando-se assim, muitas vezes, incompatíveis.

Este direcionamento teórico que assumimos nos permite entender a possibilidade de desconstrução da ideia de existência de seres humanos essencialistas e universais, permitindo pensar sobre diferentes experiências e contextos que, ao serem vividos por diferentes indivíduos, produzem sujeitos ímpares (AGUILAR E GONÇALVES, 2017; VEIGA-NETO, 2002).

Acreditamos que os migrantes carregam consigo marcas espaciais que caracterizam os seus locais de origem. Tais marcas podem ser observadas por meio de suas narrativas, que expressam memórias e valores. Esses fatores auxiliam na constituição dos sujeitos e remontam a algumas das interpelações culturais que envolvem, produzem e articulam os indivíduos, os grupos e as sociedades em dinâmicas de assujeitamento.

Tais modos de constituição de sujeitos participam e caracterizam a educação conforme a compreendemos, pois amplificam seus sentidos e produzem subjetividades para além dos ambientes escolares. Em decorrência disso, ao colocarmos as narrativas desses sujeitos migrantes em análise, operamos em uma dada perspectiva metodológica que também nos subjetiva. Uma

problematização deste tipo, mais do que uma metodologia, pode ser encarada como "uma forma de se posicionar no mundo" ou ainda "um processo de subjetivação" (BUENO, 2020, p. 19)". Lembremos, nesse sentido, de Deleuze e Guattari (2011, p. 18), para os quais uma pesquisa é sempre um exercício de bricolagem, que vale justamente pela "posse de um estoque ou de um código múltiplo, heteróclito, porém limitado; a capacidade de introduzir os fragmentos em fragmentações sempre novas".

Dito isto, entendemos que seja oportuno explicar que o documentário "Humano: uma viagem pela vida", conta com questões da vida cotidiana de diferentes pessoas, fazendo com que as narrativas aconteçam de maneira aparentemente fluida e não programada, ensaiada ou decorada. Assim, elas contam com enunciados experienciados por cada um dos participantes e associados aos contextos espaciais sobre os quais discorrem.

Em quase todas as cenas, os narradores aparecem no primeiro plano de um ambiente escuro, que intenta destacar a fragilidade daqueles que expõem seus sentimentos. Em algumas cenas são apresentadas paisagens relativas aos lugares referenciados nas narrativas. As entrevistas não são dubladas - apenas legendadas - para que não sejam perdidas as especificidades de seus idiomas de origem e demais características intrínsecas a cada forma particular de expressão. O diretor do documentário afirma que "a ideia é que haja uma profunda identificação, como se o espectador estivesse diante de um espelho". Assim, são as expressões e falas dos narradores que promovem a conexão entre eles e os espectadores e que objetivam estabelecer empatia em relação aos acontecimentos apresentados (PRUDENCIANO, 2016).

Nesta perspectiva, ao interpelar os espectadores, o documentário se constitui enquanto materialidade que por meio de seu apelo artístico e cultural, educa tanto os narradores quanto os espectadores que assistem aos seus depoimentos. Ainda, evidencia fragmentos discursivos que nos auxiliam no entendimento acerca dos modos como foram educados por meio do espaço. Entendemos, portanto, que ele possa ser tensionado a partir do

conceito de pedagogia cultural, ou seja, como um instrumento que garante que "a aprendizagem seja contínua, não se restringindo ao tempo e ao espaço da escola, permanecendo atuante em muitos lugares ao longo da vida" (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 61).

Diante destas questões, selecionamos em nossa fonte narrativas de sujeitos migrantes para que pudéssemos identificar e problematizar os meios pelos quais tais sujeitos foram educados pelos lugares dos quais falam e os modos como o documentário pode educar seus espectadores.

2. O lugar no espaço

O lugar pode ser entendido como a espacialização da experiência dos sentimentos ou como uma dimensão de segurança. Enquanto isto, o espaço (ou o conceito de espaço) significa a liberdade. Tuan (2015) refere que estamos ligados ao primeiro enquanto desejamos o segundo. Assim, podemos pensar que o lugar é o lar, é a raiz, é a pátria, enquanto o espaço é a imensidão das possibilidades.

Estamos ligados ao lugar, mas desejamos alçar voos que nos levem para longe. Contudo, tais afastamentos devem nos permitir voltar para o ponto de partida, sempre que for necessário. Nesta direção, é a afetividade e as sensações de segurança e pertencimento que diferenciam os conceitos de lugar e de espaço. O espaço, neste contexto, é um fenômeno que abrange todos os outros ou, ainda, a imensidão da superfície terrestre, composta pelas relações que ocorrem entre vidas e materialidades. Portanto, enquanto sentimento e experiência, o lugar se estabelece e se mantém como uma vertente do espaço (GIOMETTI; PITON; ORTIGOZA, 2012). De acordo com Escobar (2005):

Experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. Existe um sentimento de pertencimento que é mais

importante do que queremos admitir, o que faz com que se considere se a idéia de “regressar ao lugar” (Escobar, 2005, p. 69).

Carlos (1996) expõe que há, na noção de lugar, a transversalidade dos possíveis sentidos atribuídos a ele devido ao fato de ser significado de maneira abstrata e ambígua, em meio às relações do sujeito com o território. De acordo com a autora, tal dinâmica se estabelece a partir de interrompimentos e consentimentos acerca de ações no espaço. Para exemplificar, destaca que “os percursos realizados pelos habitantes ligam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação”. Porém, os mesmos percursos podem subjetivar sujeitos sobre as noções que envolvem “o privado e o público, o individual e o coletivo, o necessário e o gratuito” de acordo com a ordenação ambiental e seus interesses (CARLOS, 1996, p. 22).

Leite (1998) indica que a fundamentação histórica do lugar se consolidou na década de 1970, através de uma abordagem que associa a afetividade e a memória ao território, ou seja, projeta sentimento a outra dimensão analítica utilizada para analisar o espaço, caracterizada pelas relações de poder. A autora afirma também que o lugar vai além das coordenadas de localização, pois trata de referenciais afetivos e de envolvimento com o mundo por parte dos sujeitos que são produtos dos lugares em que crescem, vivem ou passam algum tempo (LEITE, 1998).

Moreira (2007) nos convida a pensar que o lugar pode ser visto e lido de maneira ambígua, ou seja, podemos tratar o conceito a partir da valorização das horizontalidades e verticalidades⁴, com base em Santos (1996), destacadas as desigualdades socioeconômicas, e também enquanto espaço vivido e de pertencimento, conforme Tuan (2015) o significa.

⁴ Milton Santos (1996) explica que as horizontalidades dizem respeito ao local de vida, no qual se estabelecem as relações de conforto e afetividade enquanto as verticalidades seriam as conexões, por vezes desiguais, produzidas por técnicas e tecnologias globais.

No entanto, em ambos os casos, merece destaque a necessidade dos sujeitos de refazerem/reinventarem raízes promovendo novas percepções sobre o que são pertencimento, espaço e tempo. Neste contexto, o autor argumenta que com o movimento da vida (deslocamentos e experiências) “diferentes lugares de origem se difundem e se misturam nos diferentes continentes, formando com o tempo uma paisagem de culturas entrecruzadas” (MOREIRA, 2007, p. 58-61).

Os lugares emergem por meio de processos históricos e interferências culturais que possibilitam a construção de sujeitos e de suas memórias espaciais, pois emergem de ambientes orgânicos, em constante transformação. Isto significa dizer que o lugar é o “espaço vivido”. De acordo com Carlos (1996), pensar em lugar

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

Conforme explica Massey (2012), “se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleção dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder no espaço” (p. 190). Assim, os lugares emergem por meio das relações de poder e dos sentimentos que são estabelecidos por meio das relações humanas que ocorrem no cotidiano, entre diferentes sujeitos, entre eles, os migrantes e as populações autóctones. Diante disto, podemos compreender que os sujeitos migrantes, enquanto estrangeiros, são resultados de relações estabelecidas em “outros” lugares, ao mesmo tempo que permanecem em transformação nos novos lugares e transformam os sujeitos nativos.

3. Os lugares da migração e os migrantes

Migrar é o sinônimo de deslocar-se, movimentar-se e mudar-se. No entanto, quando pensamos acerca de migrantes, precisamos considerar que novas configurações espaciais são estabelecidas por meio de seus movimentos e, partindo disto, é importante que levemos em conta que tais configurações atravessam as vidas de muitas pessoas. Tensionar as migrações e os modos de vida de migrantes significa abordar as relações de poder e de assujeitamento que lhes envolvem, já que as formas de se relacionarem com o espaço se dão a partir de vínculos sociais e espaciais que os aceitam e/ou os rejeitam em diferentes momentos e situações (WEBER, 2017, p. 21; FOUCAULT, 2013).

Goettert (2010) indica que a categoria de migrante estrangeiro, em diversos momentos, tende a ser generalista, pois não leva em consideração os processos subjetivos que compreendem os lugares de origem destes sujeitos, as suas ações, enquanto decisões particulares, os motivos de redirecionamento espacial e as condutas comunitárias e sociais. Neste sentido, ser/estar migrante não significa a ocorrência de homogeneização de características, comportamentos e valores. Pelo contrário, significa o contraste daquilo que forma, em seus lugares de origem, e transforma, em novos lugares, os modos de ser e de estar, enquanto sujeitos, no espaço.

Falar sobre migrantes é falar sobre sujeitos que carregam consigo os atravessamentos provenientes dos seus lugares de origem e dos tempos que lhes envolvem. Isto provoca-nos a refletir sobre como a migração é um tema (ou um modo de viver) presente e relevante em nossas vidas cotidianas, tendo em vista os processos históricos e políticos que delinearam o contemporâneo. Conforme apontado por Weber (2017) e Werlang (2020), o histórico e a geopolítica que envolvem as migrações contemporâneas contam com inúmeras dinâmicas de força de trabalho, de aceitação e negação e, até mesmo, de mortes relacionadas aos processos de desenvolvimento de diferentes nações e economias.

Migrar envolve questões amplas - nem sempre positivas - que redirecionam sujeitos e suas famílias para o desenvolvimento e manutenção da vida em lugares que não são aqueles que os subjetivaram, *à priori*, e que lhes garantem sentimentos de afetividade e segurança em relação ao espaço. Sendo assim, são unidos territórios, lugares ou espacialidades abstratas, enquanto outros assumem novos sentidos e novas posições hierárquicas (SOUZA, 2014; GOETTERT, 2010; HAESBAERT, 2002).

Os processos migratórios sofrem influências das condições econômicas e políticas (globais e locais) que interferem nas decisões dos sujeitos que migram e dos sujeitos autóctones. São as possibilidades econômicas que, em muitos casos, definem as necessidades de deslocamento, as condições de permanência em novos lugares e as rotas a serem seguidas. Entretanto, é importante indicar que muitas pessoas não possuem o privilégio de escolher, pois a migração acaba por configurar-se como a única maneira de sobreviver e garantir condições básicas de vida (BOMTEMPO; SPOSITO, 2010).

Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos um cidadão depende, larga proporção do ponto de território onde se está. Enquanto *um lugar* vem a ser condição de pobreza, *um outro lugar* poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso a bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam (SANTOS, 1987, p. 81).

Os sujeitos migrantes vivem de perto os lugares por onde passam, mas também experimentam os não-lugares. Estes são representados pelos atos contemporâneos da não-fixação, da solidão e do estranhamento, aos quais estamos submetidos, mas que atingem principalmente os migrantes, ou seja, aqueles "estranhos à nossa porta" (BAUMAN, 2017, p. s/n). Os processos migratórios muitas vezes produzem o medo em relação ao "outro", visto que, conforme os indivíduos se afastam das características

tidas como “aceitáveis”, (raciais, biológicas, ideológicas e de comportamento), diminuem suas chances de inclusão e aceitação em novos contextos sociais/espaciais (APPADURAI, 2010).

Estes enfrentamentos muitas vezes são manifestados nas narrativas que problematizamos, pois, conforme apresentaremos a seguir, o choque entre lugares, processos e “educações”, podem resultar em sofrimentos e aprendizados por parte de diferentes atores. Tais interações socioculturais nunca são neutras.

4. Aprendendo sobre lugares e/com migrantes

A primeira narrativa que problematizamos é feita por uma ucraniana que deixou seu país nove anos antes da gravação⁵. Ela conta que mora na França e que aceita todos os trabalhos que lhe são oferecidos. Explica ainda que suas relações com os franceses são marcadas pela gentileza com que lhe tratam, reforçando que se não fosse assim, não aguentaria estar vivendo em um país diferente daquele em que cresceu.

Porém, embora sinta-se acolhida e agradecida, destaca que sente falta de seu país de origem e argumenta: “nem se compara ao amor e carinho que eu tinha no meu país”. Refere que quando pensa em sua casa, são imagens do lugar onde cresceu, na Ucrânia, que se materializam em suas lembranças. Por isso, nunca deixou de ser uma estrangeira em Paris, cidade onde vive atualmente.

Neste sentido, Gottert (2010) explica que é a casa, ou seja, o lugar de origem, que nos constitui e que nos faz criar vínculos com o espaço, mesmo que estejamos distantes dele. A casa é uma espécie de cordão umbilical, que oportuniza nossa existência no espaço. A narrativa da ucraniana nos auxilia a pensar, portanto, que as relações que estabelecemos a partir de “nossas casas” nos constituem e nos educam acerca de quem somos e sobre o lugar ao qual pertencemos.

⁵ Narrativa disponível em: <https://youtu.be/TnGEclg2hjk?t=3228>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Somos atravessados por discursos que constituem as noções de ser, de estar e de pertencer em determinados lugares. É o estabelecimento da afetividade e da segurança que formata as nossas "origens" e que nos auxilia a entender os lugares em que crescemos, como ambientes que são parte de nós. Para além disso, ao ouvirmos relatos acerca de sentimentos de pertencimento aos lugares de origem e dos modos como as experiências e afetos desenvolvidos nestes influenciam os processos educativos de quem fala, também somos educados.

Entendemos, por meio das experiências que nos contam, que as nossas vivências também nos ligam aos "nossos" lugares. Somos envolvidos pela noção de origem e iniciamos processos de reflexão sobre ser e estar no espaço, nos lugares, em nossas casas, em nossas cidades, estados ou países. No limite, aprendemos que devemos reconhecer nossos laços espaciais e os lugares que nos produziram.

Nesta direção, o relato de um menino sírio que vive distante de sua casa, em função dos conflitos que envolvem o seu país, se constitui como um interessante exemplo. Ao falar saudosamente do pai, morto em uma batalha na Síria, articula seus vínculos familiares ao vínculo espacial, em particular, à sua nação de origem.

"Eu não tenho medo da morte, nem tenho medo de morrer pela Síria. Não tenho medo de morrer por meu pai. Se ele não estivesse morto, eu teria medo da morte. Mas já perdi o medo; Até de ser degolado ou morrer numa explosão - o importante é reencontrar o meu pai e voltar para a Síria"⁶.

Em outra narrativa, um homem sírio, após o assassinato de seu melhor amigo, no Iraque, parece buscar uma espécie de ressignificação da morte por meio da sua nação de origem⁷. Segundo ele, a "Síria dos amigos, da juventude" é o lugar para onde

⁶ Narrativa disponível em: <<https://youtu.be/ZJ3cImzjNps?t=882>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

⁷ Narrativa disponível em: <<https://youtu.be/ZJ3cImzjNps?t=3685>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

gostaria de voltar e reorientar a sua vida. Porém, após ter visitado o país, entendeu que, embora o ambiente seja o mesmo, as dinâmicas afetivas das quais lembra não existem mais. Esta situação é comum com pessoas que se afastam dos lugares de origem e, ao retornarem, precisam se adaptar, (re)conhecê-los e construir novas redes de relacionamentos.

O espaço, enquanto fenômeno, é vivo e transforma-se ininterruptamente, assim como os lugares. Em nossas memórias, contudo, os lugares permanecem estáticos, do modo que lembramos ou que aprendemos a lembrar, pois são os significados que atribuímos a eles que se sobressaem. Os significados dos lugares, de modo geral, são ensinados a partir de conjuntos de enunciados que os definem enquanto vive-se neles. “O lugar é um mundo de significados organizados. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como um processo de constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver um sentido de lugar (TUAN, 2015, p. 198).

As narrativas e a linguagem atuam diretamente na maneira como nos colocamos no espaço e na constituição das verdades que nos envolvem. Os discursos ajudam a dar sentido às experiências que caracterizam cada parcela do espaço. É interessante refletirmos, nesse sentido, que a narrativa do sujeito sírio pode ser compreendida em duas instâncias interligadas.

Por um lado, ela atua como uma ferramenta para organizar e atribuir sentido às suas experiências. Ao mesmo tempo, sua fala educa os espectadores acerca das “armadilhas” da percepção dos lugares e das dinâmicas espaciais. O fato relatado não representa, necessariamente, uma experiência inovadora, pois em outros artefatos culturais a ideia de memórias que são frustradas pelas realidades é bastante comum. Mesmo assim, ganha relevância ao indicar que os “velhos” lugares “vivem” apenas em nossas lembranças, já que o tempo e o espaço não deixam de se alterar.

5. Encerramento

O que nos torna humanos? O filme analisado levanta esta questão fundamental e apresenta algumas possibilidades. Será por que amamos? Por que brigamos? Por que rimos? Choramos? Será a nossa curiosidade que nos torna humanos? Ou seria a busca pela descoberta? (HUMANO, 2015). A resposta para o questionamento sobre nossa natureza envolve múltiplos fatores, visto que somos permeados por uma complexa teia de questões culturais, sociais, econômicas e espaciais. Não é nosso objetivo tentar respondê-la, mas chamar a atenção para o fato de que são os atravessamentos discursivos que nos constituem enquanto sujeitos e nos convidam a sermos quem somos, a partir de conjuntos de enunciados, entre eles.

Este estudo se apoiou no conceito de lugar, norteado pelos sentimentos de afeto e de pertencimento, pois as trajetórias dos indivíduos se dão através das maneiras com as quais se articulam fenômenos coletivos. No caso dos migrantes, quando se deslocam de um ponto a outro, carregam as marcas intrínsecas de “seus países” e também do(s) “lugar(es)” que lhe produziram. O documentário, “Humano - uma viagem pela vida”, nos apresenta narrativas que indicam como os lugares educaram os sujeitos narradores e, ainda, nos educa por meio de suas falas em relação aos modos de pensarmos os lugares em que nos inserimos. Neste trabalho, esboçamos uma análise inicial sobre o valioso material disponível nesse filme. O potencial para novos estudos é imenso, visto a quantidade de narrativas disponíveis e seu acesso fácil e gratuito através da internet. Esperamos que novas pesquisas venham a contribuir para o aprofundamento de novas reflexões geográficas e educacionais a partir desta valiosa fonte.

Referências

AGUILAR, Marcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de

sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, v.1, n. 9, p. 36-44, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/460>>.

Acesso em: 29 jul. 2020.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos do conceito de pedagogias culturais em pesquisas dos Estudos Culturais em Educação. **Textura**, v.17, n. 34, p.48-63, mai./ago. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501/1140>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

APPADURAI, Anjur. **Medo ao pequeno número**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

BATISTA, Bruno Nunes. Nas trilhas de uma criação artística na pesquisa: trabalhando com Foucault. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 25, p. 668-692, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2178>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro, Zahar, 2017, 119 pp.

BUENO, Marisa Fernanda da Silva. **A emergência do discurso da branquitude na legislação brasileira: racismo e educação**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. De outros espaços. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013.

GIOMETTI, Analucia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. São Paulo: UNIVESP - Conteúdos e didáticas de Geografia, 2012. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47175>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HUMANO - uma viagem pela vida. Direção de Yann Arthus-Bertrand. Filme/documentário. 2015. (190 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC4mGRD3WLYVVc4JI5LrXxUw>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LEITE, Adriana Figueira. **O lugar**: duas acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências. v. 21. UFRJ, 1998. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/viewFile/6197/4794>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista ETC**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1(3), 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%geogr%E1fico-ruymoreira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PRUDENCIANO, Gregory. De frente para o espelho. **Revista Trip**. 15 set. 2016. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-yann-arthus-bertrand-jornalista-fotografo-ambientalista-e-diretor-de-humano-uma-viagem-pela-vida>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, HUCITEC, 1996.

SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA; Adriana Amaro. **Geografia e Migração**: movimento, território e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Camilo Darsie de. **Educação, geografia e saúde**: geopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículos e diferenças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/276570193/De-Geometrias-Curriculos-e-Diferencas>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

WEBER, Douglas Luís. **Deslocamentos internacionais, educação e saúde global: Os discursos Biopolíticos que reproduzem o sujeito migrante**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017.

WERLANG, Guilherme. **Da Biopolítica a Necropolítica: tratados internacionais, políticas anti-imigração e educação sobre migrantes**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020.